

Inclusão digital e educação permanente de idosos na Universidade Aberta da Terceira Idade: uma discussão sobre a longevidade, o empoderamento e a tecnologia

Digital inclusion and permanent education of elderly in UATI: a discussion on longevity, empowerment and technology

Sheila Fabiana de Quadros, Vanessa Elisabete Raue Rodrigues e
Rita de Cássia da Silva Oliveira*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar como a inclusão digital e a inserção nesta nova linguagem tecnológica pode contribuir no empoderamento do idoso. Deste modo, lançou-se mão de reflexões frente às propostas pedagógicas das Universidades Abertas da Terceira Idade (UATIs), considerando possibilidades de inserção digital. Para análise, propõe-se a investigação iniciando pelas ações de educação permanente, no retorno do idoso aos estudos e as possibilidades de reflexão sobre a sua vida, desenvolvendo novas potencialidades e ampliando suas habilidades, reestabelecendo, também, novos sentidos à vida. Neste sentido, foi procurado compreender o espaço do idoso na sociedade contemporânea, defendendo que as novas aprendizagens e a aquisição de suas diferentes linguagens podem contribuir para inserção do idoso na sociedade tecnológica, a qual está em constante movimento. A proposta metodológica partiu das atividades interdisciplinares desenvolvidas nas oficinas pedagógicas da UATI vinculada a Universidade do Centro Oeste (UNICENTRO) do *Campus* localizado no município de Irati no Estado do Paraná. Foram

* Universidade Estadual de Ponta Grossa.

analisados dez participantes da oficina de Redes Sociais, dentre eles três homens e sete mulheres. A oficina foi desenvolvida no ano de 2017, no período de três meses. Dentre as constatações, foi possível detectar os aspectos determinantes apontados por Silva (2010) para a inclusão digital dos idosos e as potencialidades educacionais instigadas neste processo. Deste modo, entende-se que, no percurso da aquisição da linguagem tecnológica, há o empoderamento do idoso diante das suas potencialidades desenvolvidas.

Palavras-chave: Idoso. Inclusão digital. Linguagem Tecnológica. Empoderamento.

Abstract: *This article aims to analyze how digital inclusion and insertion in this new technological language can contribute to the empowerment of the elderly. In this way, it was used reflections in front of the pedagogical proposals of the Third Age Open University (the acronym in Portuguese is UATI), considering possibilities of digital insertion. For analysis, it is proposed the investigation beginning with the actions of permanent education, in the return of the elderly to the studies and the possibilities of reflection on their life, developing new potentialities and amplifying their abilities, reestablishing, also, new senses to life. In this sense, it was sought to understand the space of the elderly in contemporary society, arguing that new learning and the acquisition of their different languages can contribute to the insertion of the elderly in the technological society, which is constantly moving. The methodological proposal was based on the interdisciplinary activities developed in the pedagogical workshops of the UATI linked to the University of the Central West (UNICENTRO) Campus located in the municipality of Irati in the State of Paraná. Ten participants of the Social Networking Workshop, among them three men and seven women, were analyzed. The workshop was developed in 2017 in the three-month period. Among the findings, it was possible to detect the determinant aspects pointed out by Silva (2010) for the digital inclusion of the elderly and the educational potential instigated in this process. In this way, it is understood that, in the course of the acquisition of the technological language, there is the empowerment of the elderly in face of their developed potentialities.*

Key words: Old man. Digital inclusion. Technological Language. Empowerment.

Introdução

A sociedade como um todo está em constante transformação, de ideias, de processos, de acesso a bens e serviços, bem como no próprio convívio social dos sujeitos que a integram. Dentre esses sujeitos, um grupo anteriormente estigmatizado socialmente era o segmento social de idosos. Este fato se dava pela sua condição física, considerada improdutiva e, muitas vezes, onerosa pelas condições de vulnerabilidade devido o avanço da idade.

Todavia, estes foram, paulatinamente, conquistando espaço e emergindo socialmente junto às atuais demandas provindas desse meio.

Dessa forma, percebe-se que a pessoa idosa expandiu os espaços de convivência social, e assim, foram se empoderando a partir das possibilidades de interação social. Buscam inclusive se inserir no meio tecnológico, que muito interfere no processo de inclusão social, visto que é essa a realidade que circunda as pessoas. Questiona-se, todavia, qual contribuição destes instrumentos na vida do idoso e como este vem se adaptando à linguagem tecnológica, condição necessária para inserção nestes meios?

Com intuito de responder estas questões, objetivou-se analisar como a inclusão digital do idoso e sua inserção nesta nova linguagem tecnológica pode contribuir no empoderamento do idoso. Propõe-se, desta forma, observar as ações das atividades interdisciplinares desenvolvidas nas oficinas pedagógicas da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI) vinculada à Universidade do Centro Oeste (UNICENTRO) do Campus localizado no município de Irati no Estado do Paraná. Foram analisadas as participações de dez participantes da oficina de Redes Sociais, dentre eles três homens e sete mulheres. A oficina foi desenvolvida no ano de 2017, no período de três meses.

As constatações permitiram detectar os aspectos determinantes apontados por Silva (2010) para a inclusão digital dos idosos e as potencialidades educacionais instigadas neste processo. O presente artigo tem como objetivo analisar como a inclusão digital e a inserção nesta nova linguagem tecnológica pode contribuir no empoderamento do idoso. Deste modo, lançou-se mão de reflexões frente às propostas pedagógicas das UATIs, considerando possibilidades de inserção digital. Para análise, propõe-se a investigação iniciando pelas ações de educação permanente, no retorno do idoso aos estudos e as possibilidades de reflexão sobre a sua vida, desenvolvendo novas potencialidades e ampliando suas habilidades, reestabelecendo, também, novos sentidos à vida. Neste sentido, também foi procurado compreender o espaço do idoso na sociedade contemporânea, defendendo que as novas aprendizagens e a aquisição de suas diferentes linguagens podem contribuir para inserção do idoso na sociedade tecnológica, a qual está em constante movimento. A proposta metodológica partiu das

atividades interdisciplinares desenvolvidas nas oficinas pedagógicas da UATI vinculada à UNICENTRO do Campus de Irati. Foram analisados dez participantes da oficina de Redes Sociais, dentre eles três homens e sete mulheres. A oficina foi desenvolvida no ano de 2017, no período de três meses. Dentre as constatações, foi possível detectar os aspectos determinantes apontados por Silva (2010) para a inclusão digital dos idosos e as potencialidades educacionais instigadas neste processo. Os idosos apresentaram maior participação no grupo, superaram a ideia de inatividade, típica de uma sociedade capitalista, que os percebe como improdutivos.

Mediados pela aprendizagem e pelo acesso à inclusão digital, passaram a constituir como um grupo ativo, participativo e conhecedor de seus direitos na dinâmica das relações sociais. Deste modo, entende-se que, no percurso da aquisição da linguagem tecnológica, há o empoderamento do idoso diante das suas potencialidades desenvolvidas.

O idoso na sociedade contemporânea

A sociedade contemporânea convida a refletir e incita a perceber as mudanças consideráveis que vem ocorrendo em várias esferas, bem como vem transformando a percepção acerca das alterações ocorridas ao longo dos anos, trazendo historicamente e politicamente a necessidade de compreender tais mudanças e das formas que essas se explicitam no meio social.

Diante dessas circunstâncias, pode-se conceber certa compreensão da forma com que a sociedade vem se estruturando, bem como das relações que essa estabelece entre seus pares, certamente vinculadas às questões dimensionadas socialmente, politicamente, economicamente e culturalmente, além de outros fatores que intervêm diretamente na dinâmica configurada no meio do qual se faz parte. A partir de então, pode-se situar o idoso como um sujeito social contemporâneo que se identificou, historicamente, no meio social a partir de um construto de sua identidade. (SCORTEGAGNA, 2010).

Contextualizando o idoso historicamente, percebe-se que a trajetória social da qual percorre demonstra que o mesmo nem sempre foi visto como um sujeito de direitos, empoderado. Além disso, quando se trata de uma sociedade

a qual foram, durante muitos anos, marginalizados diante da perspectiva da inatividade, esta condição se evidencia de forma mais transparente.

O atual contexto social revela uma grande trajetória histórica de seus idosos, principalmente, quando se pensa sobre a perspectiva capitalista da sociedade da qual faz parte. Observa-se, desta forma, que as relações de produção definem os papéis que cada um assume devido à produção que à essa sociedade representa.

Na atualidade, situa-se o sujeito idoso na perspectiva de um sujeito ativo e conhecedor de seus direitos, superando a ideia de inatividade, porém, nem sempre foi visto assim, essa situação mudou a partir do estabelecimento e fortalecimento das políticas atuais de atenção a essa camada populacional, as quais incitaram à sociedade lançar outro olhar para esses sujeitos. O envelhecimento, num país como o Brasil, mostra a complexidade e a necessidade de atenção ao atendimento a essa camada populacional, cuja tendência é aumentar a cada ano transcorrido. (OLIVEIRA, 2007; SCORTEGAGNA, 2010).

Nesse sentido, e ainda segundo as autoras citadas acima, discute-se a longevidade como um processo maior de vida do longo, ou seja, daquele que vive mais e certamente que busca uma vida além de longa, de qualidade. Portanto, quem vive bastante se considera longo.

Diante das atuais demandas da sociedade, percebe-se que o idoso conquistou lugar de destaque, visto que há uma maior preocupação com o atendimento a essa demanda, rejeitada quando a análise se pauta na concepção materialista, ou seja, se observar a sociedade capitalista em que se está inserido, percebe-se que o idoso sofreu marginalização pela não produtividade, por ser considerado inapto. Ora, se por um lado observa-se uma sociedade do capital, por outro, as mudanças em relação ao entendimento de quem são esses sujeitos é gradativa, permeada pela compreensão das pessoas como um todo, e esse processo é lento, pois depende do envolvimento à cultura individual dos grupos sociais, da particularidade do entendimento de cada um em relação aos seus idosos.

Nesse prisma, constata-se que o idoso passou, ainda que gradativamente, a assumir novos papéis na sociedade visto que a partir da Política de atenção ao idoso, firmada pelo Estatuto do Idoso, os mesmos passaram a se constituir sujeitos de direitos e empoderados¹, conquistando vários espaços sociais civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis. Aspectos constatados pelo artigo 10, capítulo II, que trará do direito a Liberdade, ao Respeito e a Dignidade, ao apontar que “é obrigação do Estado e da sociedade assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos”. (BRASIL, 2003).

A partir desse momento, trata-se do conceito de idoso, que de acordo com Camarano (2013 *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 01), “[...] os idosos do futuro próximo já nasceram [...]”. Sabe-se que os idosos sempre existiram independente das concepções que se tinham deles, o que alterou de fato foi a forma de percebê-los. Assim, partindo de um pressuposto legal, no Brasil, o idoso é considerado todo sujeito que possua idade igual ou superior a 60 anos. Este recorte etário está devidamente prescrito no Estatuto do Idoso (Lei 10.741/03).

De acordo com Camarano (2013, p.11),

Esse aumento da esperança de vida e as mudanças nos papéis dos idosos implicam uma rediscussão do conceito de “idoso”. Duas questões se colocam. A primeira advém do critério utilizado para separar indivíduos nas várias fases da vida. A segunda está relacionada ao conteúdo da classificação de um indivíduo como idoso. O critério de classificação é uma regra que permite agrupar indivíduos a partir de uma ou mais características comuns encontradas em todos eles. Para o estabelecimento da regra, cabe definir o conteúdo do grupo populacional criado em termos de outras dimensões além das utilizadas para classificação, dimensões estas que são muitas vezes inferidas e não observadas. Em outras palavras, o grupo social “idoso”, mesmo quando definido apenas pela idade, não se refere apenas a um conjunto de pessoas

¹ A palavra “empoderamento” é descrita em dicionários da língua portuguesa como Aurélio e Houaiss. De acordo com eles, o termo conceitua o ato ou efeito de promover conscientização e tomada de poder de influência de uma pessoa ou grupo social, geralmente para realizar mudanças de ordem social, política, econômica e cultural no contexto que lhe afeta. A ideia é dar a alguém ou a um grupo o poder de decisão em vez de tutelá-lo.

com muita idade, mas a pessoas com determinadas características sociais e biológicas.

De acordo com a autora, o idoso faz parte de um grupo de pessoas que se constituíram socialmente, culturalmente, politicamente e não apenas pelo critério biológico. Se observadas as condições de compreensão social do próprio(s) conceito(s) de idoso, percebe-se que na sociedade existem diversificadas maneiras de conceituar e compreender a pessoa idosa em vários espaços, a depender da forma com que cada grupo em determinados contextos o percebem em sua totalidade.

Dentre os conceitos conhecidos para a pessoa idosa, pode-se considerar que o próprio dicionário aponta que idoso se refere a todo indivíduo que possui bastante idade, conceito que fora ampliado de acordo com estudos anteriormente realizados e que possivelmente influenciaram atitudes que favoreceram o atendimento qualificado e adequado para todos aqueles que compõem esse grupo social. (OLIVEIRA, 2013).

Assim, não é o simples conceito que define a pessoa idosa em sua totalidade, mas os espaços determinados que ela ocupa bem como a compreensão que cada grupo tem de seus idosos.

Segundo Camarano (2013, p. 10-11),

A outra questão diz respeito ao conteúdo do conceito de “idoso”. Em geral, esse conceito é associado a características biológicas. O limite etário seria o momento a partir do qual os indivíduos poderiam ser considerados “velhos”, isto é, começariam a apresentar sinais de incapacidade física, cognitiva ou mental, o que os torna, neste aspecto, diferentes dos indivíduos de menor idade. Porém, acredita-se que “idoso” identifica não somente indivíduos em um determinado ponto do ciclo de vida orgânico, mas em um determinado ponto do curso de vida social, pois a classificação de “idoso” situa os indivíduos em diversas esferas da vida social, tais como o trabalho, a família etc.

Percebe-se, dessa forma, que a autora corrobora com essa perspectiva de idoso no âmbito social, o qual supera a simples ideia de definição ofertando espaço a um sujeito. Sendo assim, amparados em legislação pertinente, bem como conhecedores de seus direitos, os idosos passam a se colocar como

atores de sua própria existência, deixando de ser sujeitos inatos e passando a assumir diferentes espaços na atual conjuntura social.

Diante dessas circunstâncias, e independente dos conceitos diversos que se possa atribuir ao idoso, é importante destacar que esse segmento evolui na perspectiva da participação social, e junto dessa realidade surgiu a necessidade dos mesmos se apropriarem de novos conceitos, conhecimentos, enfim, tornou-se necessário novas aprendizagens, visto que a sociedade está em constante movimento e incita o constante renovar do aprendizado.

Ao observar-se o Estatuto do Idoso (2003, p. 19), percebe-se que em seu artigo 20 que “o idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade”.

Assim, não se trata de meramente saber da existência dos mesmos no meio social, mas sim, de ressignificá-los superando antigos estigmas que anteriormente os sobrepunham. Portanto, esse novo segmento social iniciou uma busca por outros espaços e dentre esses espaços, encontram-se as UATIs, as quais se constituem numa possibilidade de empoderamento em razão da educação permanente.

A educação permanente se traduz num processo de formação ao longo da vida, em virtude do ser humano nunca deixar de aprender algo novo em qualquer momento, e as UATIs se constituem nesse trabalho, na perspectiva de crescimento individual e do próprio grupo. Este grupo tem como objetivo não somente a reunião dos sujeitos que o integram, mas sim, a estruturação de um trabalho que os empodere, que os eleve como sujeito social em processo de crescimento intelectual contínuo. Dessa maneira, o grupo constituinte da UATI se organiza a partir de objetivos comuns, porém com necessidade de aprimorar-se enquanto sujeitos individuais e no grupo do qual compõe, geralmente organizado por oficinas pedagógicas sob uma perspectiva da educação permanente e promotora da longevidade como premissa do trabalho pedagógico a ser desenvolvido.

Aliado a essa concepção e da ideia da participação social, pode-se discutir acerca de um dos trabalhos que se promovem na educação do idoso

nos espaços das universidades, em específico numa realidade local, onde as autoras puderam perceber as particularidades desse trabalho focando a inclusão digital, a partir das observações realizadas nesse espaço.

O idoso e a inclusão digital na Universidade Aberta para a Terceira Idade

A partir do momento em que se constata que o idoso é um sujeito de direitos e que precisa ter acesso a vários espaços que o empodere e o faça se reconhecer como ativo no meio social, destaca-se o trabalho pedagógico desenvolvido pelas UATIs, e que promovem o verdadeiro objetivo da educação permanente. Esta afirmação é sustentada pelas ações das oficinas pedagógicas pautadas nas relações dos idosos junto ao meio social do qual integram, tais como as oficinas denominadas Educação do Idoso ou Educação permanente, Tecnologias e Informação, Linguagens e tecnologias, Educação Física, Língua estrangeira, dentre outras que variam de acordo com as necessidades de cada grupo em específico e que compõe a esfera pedagógica das Universidades Abertas para a Terceira Idade.

Pelo processo de educação permanente, o idoso tem a possibilidade de voltar a estudar, reflete sobre a sua vida, desenvolve suas potencialidades, amplia suas habilidades, reelabora seus objetivos de vida. O aumento do tempo livre e a ausência de alternativas de como vivê-lo podem caracterizar algumas variáveis negativas do cotidiano do idoso e projetos voltados especificamente para eles, ou seja, uma nova situação lhes é apresentada para evitar uma crise de ociosidade para a qual muitos idosos não estão preparados (SCORTEGAGNA, 2010; LOPES, 2009; ARRUDA, 2009; TEODORO, 2006).

Num contexto maior, pode-se afirmar que as UATIs desenvolvem um trabalho de grande relevância social, visto que ofertam cursos e projetos de extensão que atuam diretamente com a comunidade, a partir de ações que incitem e ampliem as relações do idoso com a sociedade como um todo e que acontecem diante do trabalho desempenhado com temáticas específicas e que possuam estreita relação com os direitos dos idosos e seu processo de empoderar-se. Além das questões de ordem social, a criação e implementação das UATIs com o apoio do poder público são ações prescritas no artigo 25 do

Estatuto do Idoso (Lei 10.741-03), enquanto ações educacionais voltadas para o idoso, superando uma visão simplista de assistencialismo. (ARRUDA, 2009)

Nessa concepção, a UATI fundamenta-se numa concepção de educação permanente de idosos bem como na sua própria realização como indivíduos de direitos, e dessa forma, se utiliza de uma maneira interdisciplinar de trabalho, geralmente realizada em forma de oficinas pedagógicas de áreas do conhecimento diversificadas. Assim, é inevitável que o idoso tenha uma melhor qualidade de vida, o que o torna mais saudável, participativo e ativo.

De uma forma bastante objetiva, é nesta perspectiva de educação permanente que a universidade enquanto espaço de formação humana promove um espaço de conhecimento, de formação individual, de pesquisa e de acesso democrático aos saberes. Desta maneira as universidades ampliam sua função social, “buscando integrar aqueles que se encontram à margem do processo de desenvolvimento” (OLIVEIRA, 1999, p.240).

É no momento de inserção do idoso no meio acadêmico, que ocorre a integração entre gerações e sempre desencadeiam discussões e debates que acarretam um processo de socialização maior entre os integrantes desse grupo. Ainda, o idoso passa a se perceber em seu espaço de sociedade, tendo certamente maiores condições de se considerar produtivo, e assim, contribuir com a sociedade da qual integra.

Quando o idoso está neste processo de formação permanente, o mesmo é capaz de reclamar seus direitos, constituindo-se um grupo politicamente ativo, e neste prisma, a educação se faz primordial e necessária. “Gradualmente, a visão de idosos como um subgrupo populacional vulnerável e dependente foi sendo substituída pela de um segmento populacional ativo e atuante que deve ser incorporado na busca do bem-estar de toda a sociedade.” (CAMARANO; PASINATO, 2004, p. 257-258).

Pensando no idoso como um cidadão de direitos, a educação apresenta-se como a principal propulsora de transformação social. Tal condição transformadora é expressa pela aquisição de conhecimentos, criticidade, socialização que certamente se intensifica, e finalmente um sujeito mais reflexivo de sua história se consolida.

Nesse ensejo, pode-se dizer que, a partir das observações realizadas num grupo de idosos frequentadores da UATI - UNICENTRO - Irati constatou-se que uma das atividades pedagógicas que se destacam é aquela que se refere à inclusão digital, visto que muitos idosos não tinham acesso a computador ou a qualquer outro meio de acessibilidade digital.

Segundo Kachar, (2000, *apud* SILVEIRA *et al*, 2010, p. 5) essa geração foi nascida e educada, em uma época em que o tempo transcorria em outra velocidade, e para a maioria dos idosos, o uso do computador estaria totalmente fora do seu alcance, seja não só por motivos financeiros, mas também emocionais. Dessa forma, a linguagem tecnológica bem como o acesso aos meios tecnológicos para a maioria dos idosos não é algo comum e cotidiano, tendo os mesmos certa dificuldade em se apropriar dessas ferramentas que compõe a sociedade atual em sua dinâmica de funcionamento. Num contexto geral, os idosos integram um quadro de inclusão digital mesmo, principalmente quanto do manuseio e da compreensão do universo digital.

A inclusão, então, é um processo a partir do qual uma pessoa ou grupo de pessoas passa a participar de usos e costumes de outro grupo e ter os mesmos direitos e deveres daqueles; a inclusão digital é vista como uma forma de inclusão social, porque por meio das tecnologias de informação e comunicação é possível a participação na sociedade através de outras vias de acesso e pelo desenvolvimento social, cognitivo e afetivo que podem promover nos sujeitos. (PASSERINO; PASQUALOTTI, 2006, *apud* SILVEIRA *et al*, 2010, p.7).

Nesse prisma, observa-se que, apesar das dificuldades de acesso e utilização dos referidos meios foi de extrema importância o acesso dos idosos aos meios de inserção no mundo tecnológico, desde o multimídia que servia de aporte tecnológico para as aulas, até mesmo a criação de um grupo no “WhatsApp”, propiciaram a compreensão por meio da prática e da experiência, do quanto importa o acesso e utilização dos mesmos para a realização de atividades da vida cotidiana.

Nesse sentido, para Petersen, Kalempa e Pykosz (2015, p. 122) “o domínio das tecnologias computacionais amplia experiências, amizades e

horizontes e proporciona uma forma de lazer segura e desafiadora”. Em outras palavras, a tecnologia contribui não somente para atividades voltadas ao ensino formal, mas sim, ela contribui para o próprio processo de socialização e de acesso a outros meios de interação entre os sujeitos. Dessa forma, é nítida a ideia de que a tecnologia contribui significativamente no processo de socialização do idoso no meio social do qual faz parte.

A aquisição da linguagem tecnológica e o empoderamento do idoso

O espaço dos idosos é uma das discussões mais importantes na sociedade contemporânea nos estudos sobre a inserção tecnológica. É urgente discutir como os meios e exigências tecnológicas vêm envolvendo as vidas das pessoas e de que forma é possível lidar com estas “avalanches” informacionais que invadem os ambientes pela mídia, redes sociais, acessos bancários, compras e vendas, enfim pelas facilidades de mobilidade e informações oferecidos e, muitas vezes, obrigatórios² na inserção tecnológica. Gallo (2011) ao apontar as questões da linguagem e da tecnologia, indica que o desdobramento da inserção digital é tão profundo frente às expectativas geradas pelo discurso político do Estado que o Plano de Ação 2007-2010, do Ministério da Ciência e Tecnologia, apresenta a expressão “portadoras do futuro” para as áreas que seriam capazes de produzir conhecimento inovador nestas áreas.

Neste sentido, questiona-se: Como é visto o acesso para este futuro? Constantemente, são produzidos mais informações e mais tecnologia, mas há um grande descuido com o acesso. Neste sentido, os ditos “portadores do futuro” seriam selecionados e não inclusos. A inclusão digital do idoso precisa ser discutida com urgência. O acesso à linguagem tecnológica é um dos primeiros passos.

Uma das preocupações ao se tratar da inserção da linguagem tecnológica para o idoso é o aspecto memória. Silva (2016) aponta que, embora o idoso seja portador de uma memória social muito importante, este,

² O acesso bancário acabou se tornando um problema para o idoso que não conhece a linguagem tecnológica ou facilidade com o meio digital, contudo seu acesso, muitas vezes, é uma exigência para o recebimento de seus benefícios, o que o mobiliza, obrigatoriamente, a aprendizagem de tal linguagem.

muitas vezes, não se recorda de ações cotidianas devido ao desgaste cognitivo, que é comum da idade. Todavia, a importância dada a estas ações e o exercício rotineiro da memória tem uma relação direta com a lembrança.

O exercício da memória aciona dois movimentos: a busca de uma realidade esquecida no tempo e a idealização dessa realidade, transformada e recriada constantemente. Essa tentativa de resgatar lembranças e reminiscências ajuda a evitar que a imaginação dos idosos se torne improdutivo, além de contribuir com o processo de autoavaliação [...]. (SILVA, 2016, p. 382).

A linguagem tecnológica, portanto, não pode ser somente ensinada, mas praticada constantemente pelo idoso, para que possa ser integrada às atividades diárias. O uso de redes sociais, neste sentido, pode representar uma possibilidade para que o conhecimento não seja esquecido. Além disso, acrescentar a tecnologia da internet nas atividades rotineiras como procurar receitas, programas de televisão gravados, fazer compras, podem ser possibilidades de integração da linguagem tecnológica nas ações que contribuem para facilitar a mobilidade e acesso a informações importantes para o lazer.

Além disso, este exercício da memória contribui para a relação de comunicação, desenvolvendo o que Silva (2016) chama de educomunicação. Os meios de comunicação podem criar um espaço de troca de saberes e informações, na criação de um protagonismo educacional, permitindo outra conjuntura de construção do saber. Assim, “a educomunicação, como uma rede de relações inclusivas, abertas e criativas, atende a uma demanda da sociedade contemporânea, suprimindo a lacuna entre o saber formal e o midiático” (SILVA, 2016, p. 382).

Este cenário educacional com o acesso a linguagem tecnológica pode facilitar a inclusão, organizar a rotina diária do idoso, além de outros benefícios que contribuem, diretamente, na sua melhoria de vida. É importante destacar que a autonomia da linguagem tecnológica permite a independência nas atividades cotidianas, fato que garante a autoconfiança.

O acesso aos meios de comunicação digital, também, permite a paridade de comunicação com os filhos, netos e bisnetos. Esta paridade

promove uma aproximação do idoso com seus familiares, mesmo que residam em locais distantes. As experiências compartilhadas com imagens, áudios e vídeos levam a novas aprendizagens, sensações mais integradoras e maiores emoções.

Os idosos, quando estimulados a compartilhar suas experiências de vida, têm a possibilidade de produzir novos conhecimentos, reforçar vínculos e desenvolver maior autoestima. Dessa maneira, o diálogo estabelecido entre os idosos, de forma livre e espontânea, pode ajudar a construir um ambiente favorável para um envelhecimento realmente ativo, superando os estereótipos de improdutividade, solidão e adoecimento. (SILVA, 2016, p. 382).

Deste modo, entendida muitas vezes como um problema, a linguagem tecnológica não é um entrave ou limite em si mesma. Quando é dada a devida atenção ao seu acesso e inserção, a inovação representa um amplo cenário de possibilidades. A inserção do idoso nestes ambientes é muito importante. Os meios de comunicação, principalmente, permitem relações mediados que facilitam o processo de aprendizagem e tornam a vida social cada vez melhor, menos solitária e ativa.

Desta forma, foi proposto observar as ações das atividades interdisciplinares desenvolvidas nas oficinas pedagógicas da UATI vinculada à UNICENTRO de Irati, buscando analisar como a inclusão digital e a inserção nesta nova linguagem tecnológica pode contribuir no empoderamento do idoso.

Ainda em tempo, buscou-se também compreender de que forma o idoso se adapta a linguagem tecnológica, encontrando seu espaço na sociedade contemporânea e como estas podem contribuir para inserção do idoso na sociedade tecnológica. Para tanto, a proposta metodológica encontrou nas atividades interdisciplinares desenvolvidas nas oficinas pedagógicas da UATI - UNICENTRO - Irati, um campo para investigação.

Nestas ações, foi escolhida a Oficina Redes Sociais, escolhendo o grupo participante do início do segundo semestre de 2017, que se inscreveu para o curso de um trimestre o qual previa o ensino para utilização do aplicativo WhatsApp. Participaram do grupo e da investigação, pautada nas observações das atividades, três homens e sete mulheres, num total de dez pessoas.

Durante as observações foi possível identificar, num primeiro momento, a dificuldade com o manuseio dos smartphones. Alguns possuíam o equipamento móvel há algum tempo, mas ainda perdurava a preocupação de que “se explorasse o aparelho poderia estragar”, ou “esse aparelho deve estar com problema, pois teclar e não digitar nada”, fazendo referência à tela *touch screen* e a diminuição da sensibilidade digital, característica do idoso. As limitações físicas dos idosos e o mito de que os aparelhos eletrônicos podem “estragar” se manuseados por pessoas que não sabem utilizá-los por completo, é um obstáculo que precisa da ação pedagógica para que seja superado. É preciso a participação do docente fazendo-o compreender que certas dificuldades aparecerão com um novo aparelho, mas que alguns procedimentos universais permitirão que ele consiga superar os empecilhos no manuseio sem muita preocupação. Entender-se como sujeito do processo é o principal passo. (OLIVEIRA, 2007).

Ainda, nas quatro semanas do curso, seis participantes, dentre eles os três homens, apresentaram contratempos por não lembrarem os termos ou “nomes” dados aos procedimentos que indicavam os caminhos para o acesso a composição de grupos ou salvar contatos. Também não conseguiam lembrar, depois de certo tempo, como alguns procedimentos foram orientados. Este aspecto está ligado diretamente à memória e ao exercício rotineiro, demonstrando que, neste primeiro período, a utilização da ferramenta, ainda, não fazia parte do cotidiano do participante. A linguagem tecnologia, assim, só pode ser adquirida, na medida em que é necessária, utilizada.

Na quinta e na sexta semana, a oficina aprofundou o acesso com o exercício de envio de receitas, textos sobre os direitos do idoso, mensagens mais elaboradas com fotos e vídeos, e imagens de *Gifs*. Nesta etapa, o grupo já tinha uma comunicação mais constante, e as imagens eram acessadas com facilidade. A memória foi ativada com maior rapidez e os procedimentos mais elaborados foram incorporados aos mais simples com melhor compreensão. Também o uso foi potencializado, sendo relatado por oito participantes, que teriam adentrado em mais grupos além daquele que faziam o curso. A ativação da memória devido à inserção da atividade e a participação em novos grupos demonstra a rede da educomunicação, permitindo o protagonismo do

participante e a troca de saberes potencializada pelo uso do aplicativo. (SILVA, 2016).

As semanas seguintes do curso foram repletas de relatos em que os participantes conseguiram superar a timidez e enviar mensagens para amigos, familiares e reatar laços com antigos namorados pelo aplicativo. A linguagem tecnológica, então, se fez necessária. Um instrumento para se alcançar desejos que, antes, pessoalmente, não conseguiriam fazê-lo por vergonha ou distância. Foram relatados também que, a partir dos vídeos e imagens, conseguiam acompanhar o crescimento dos filhos e netos que moravam distante, reforçando laços familiares muito importantes para os idosos. Tal condição promove uma aproximação com emoções e sensações as quais o idoso muitas vezes estava afastado, pois isolado pela distância dos familiares queridos, muitas vezes, também isola das amizades mais próximas. (SILVA, 2016).

Desta forma, a comunicação mediatizada proporcionou ao idoso um empoderamento de suas ações, levando a ações as quais permitiram a interação. Além disso, mediados pela aprendizagem e pelo acesso à inclusão digital, passaram a constituir como um grupo ativo, participativo e conhecedor de seus direitos na dinâmica das relações sociais.

Considerações

A educação permanente do idoso o insere num universo maior de possibilidades de inserção e interação social, da mesma forma que a linguagem propicia constantemente a interação com o mundo como um todo.

Num contexto geral, a UATI enquanto espaço de interação social e de promoção da aprendizagem, incita junto aos idosos a perspectiva de acesso a novos conhecimentos, visto que se trata de um programa de educação continuada, e assim, eleva os níveis de saúde mental, física e social de seus integrantes, valendo-se dos mesmos recursos utilizados pelas universidades. Dessa maneira, elabora novos saberes e novas formas de viver a velhice como uma fase da vida, criando uma nova imagem de idoso, agora não mais excluído, isolado, e sim, articulado com o meio do qual faz parte.

Partindo do objetivo de analisar como a inclusão digital e a inserção nesta nova linguagem tecnológica pode contribuir no empoderamento do idoso por meio das atividades interdisciplinares desenvolvidas nas oficinas pedagógicas da UATI vinculada à UNICENTRO do Campus de Irati, foi possível observar que o envolvimento, a inserção da linguagem tecnológica, a ativação da memória e a interação social são aspectos determinantes na inclusão digital dos idosos e as potencialidades educacionais instigadas neste processo.

Compreende-se que, neste sentido, que, no percurso da aquisição da linguagem tecnológica, há o empoderamento do idoso diante das suas potencialidades desenvolvidas. Assim, a tecnologia e suas linguagens contribuem de forma incisiva na promoção da formação desses sujeitos, desenvolvendo atitudes de participação na vida podendo influenciar os aspectos social, econômico, político, cultural e educacional, constatando-se a busca incessante pelo desenvolvimento pessoal e coletivo, bem como do processo permanente de inserção social.

Referências

ARRUDA, I. E. A. *Análise de uma Universidade da Terceira Idade no município de Campinas*. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2009.

BRASIL. *Estatuto do idoso: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003*.

Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

CAMARANO, A. A. *Estatuto do Idoso: Avanços com contradições*. Texto para discussão n. 1840. Rio de Janeiro: IPEA, 2013.

_____. PASINATO, M. T. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: CAMARANO, A. A. *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 253-292.

CURY, Mauro José Ferreira; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; COENGA, Rosemar Eurico. *As interfaces da velhice na pós-modernidade: avanços e desafios na conquista da qualidade de vida*. EDUNIOESTE, Cascavel-PR, 2013.

GALLO, S. L. A Ciência da Linguagem e a Tecnologia. *Revista da ABRALIN*, v. Eletrônico, n. Especial, p. 279-293. 2ª parte 2011. Disponível em < <http://www.abralin.org/revista/RVE2/15v.pdf>.> Acesso em 25 mar. 2018.

LOPES, E. M. M. *Motivos que levam pessoas com sessenta anos ou mais a buscarem a educação superior*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Brasília, 2009.

OLIVEIRA, R. C. S. *Terceira Idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis*. Campinas: Papyrus, 1999.

_____. *O processo histórico do estatuto do idoso e a inserção pedagógica na universidade aberta*. Revista HISTEDBR Online, Campinas, n. 28, p. 278-286, dez. 2007.

PETERSEN, D. A. W; KALEMPA, V C.; PYKOSZ, Leandro Correa. Envelhecimento e Inclusão Digital. *Revista Extensio*. Volume 10, nº 15, 1º semestre 2013. Disponível em < <file:///C:/Users/vanessarauerodrigues/Downloads/27184-101920-1-PB.pdf>> Acesso em 20 jan. 2015.

SCORTEGAGNA, Paola Andressa; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Educação: integração, inserção e reconhecimento social para o idoso. *Revista Kairós Gerontologia*, 13 (1), São Paulo, junho 2010: 53-72. Acesso in 12-02-2018.

SILVEIRA, M. M.; ROCHA, J. de P.; VIDMAR, M. F.; WIBELINGER, L. M.; PASQUALOTTI, A. Educação e Inclusão para idosos. *Revista Renote: Novas Tecnologias na Educação* V. 8 Nº2, julho, 2010. Disponível em:><http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/15210/9523>. > Acesso em 20 fev. 2018.

SILVA, M. C. da. As tecnologias de comunicação nas memórias dos idosos. *Revista Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 126, p. 379-389, maio/ago. 2016. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n126/0101-6628-ssoc-126-0379.pdf>.> Acesso em 20 jun. 2017.

TEODORO, M. F. M. *UnATI/UERJ: uma proposta de educação permanente para o cidadão idoso*. Dissertação (Mestrado em Educação). UCP, Rio de Janeiro, 2006.